

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

GERENTE—JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA.

N.º 22

FORTALEZA, 3 DE JANEIRO DE 1888.

REDACÇÃO:

JOÃO LOPES, JOSÉ CARLOS JUNIOR, ABEL GARCIA, A. MARTINS, OLIVEIRA PAIVA, ANTONIO BEZERRA, JUSTINIANO DE SERPA, PAULINO NOGUEIRA E MARTINHO RODRIGUES.

SUMMARIO

Expediente:
O suicidio como consequencia da falta de convicção.—R. DE FARIAS BRITO;
Ao pôr do sol.—MARTINHO RODRIGUES;
A fidelidade de Colette (traducção)—CATULLE MENDÉS;
Historia natural.—RODOLPHO THEOPHILO;
Anuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

	CAPITAL
Trimestre	28000
Semestre	48000
Anno	88000
INTERIOR E PROVINCIAS	
Semestre	58000
Anno	108000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

O suicidio como consequencia da falta de convicção

O suicidio longe de ser a negação do querer-viver, ao contrario é uma das affirmações mais energicas da vontade.

(SHOPENHAUER)

Suicidio do criminoso.—A historia nos apresenta o exemplo de homens

cobertos de crimes, para os quaes a vida tornou-se tambem insupportavel e que recorrem à morte como meio de salvacção.

É natural que aquelle que commetteu muitos crimes e conseguiu por algum tempo illudir a boa fé dos homens de bem, sendo depois descoberto e vendo levantar-se contra si implacavel a opinião popular, pense em fugir por meio da morte à revolta do espirito publico. Maurillo Torres, o celebre assassino do usurario Garcia, tendo cahido de uma posição elevada no fundo de uma prisão por um crime da natureza d'aquelle por quo foi accusado, se fosse um homem capaz de impressionar-se pelos golpes que ferem a dignidade, teria recorrido ao suicidio: era a unica sahida possivel com a qual elle não ficaria completamente perdido.

Aquelle que se colloca em uma situação tão desgraçada, só pode de certo modo salvar-se com a morte; porque é o unico meio de fazer despertar a sympathia e a compaixão popular.

Neste caso é que se comprehende visivelmente todo o horror da situação daquelle que se põe em condições de ter necessidade da morte: é o estado mais lastimavel do homem.

O homem tem como que horror de si mesmo, sente que se levanta contra si a humanidade inteira, procura uma só affeição e não acha; quer esquecer o passado e a idéa do crime o atormenta cada vez mais. Então falta-lhe como que a terra nos pés e o desgraçado tem medo d'aquelles mesmos que foram seus amigos, que fazem parte de sua familia, que tem vivido sempre a seu lado e lhe devem tudo, porque supõe que o desprezo ou antes o odio da opinião os envolve.

É uma cousa verdadeiramente terrivel, e, si a sociedade, para sua garantia e em bem do desenvolvimento da especie, exige a imposição de uma pena rigorosa, por exemplo, da pena de morte, por outro lado a natureza humana em sua verdadeira essencia, só nos pode inspirar compaixão. O crime revela com effeito perigo e por isso precisa de ser punido, mas ha uma cousa que elle ainda revela mais do que mesmo perigo: é miseria.

E convem desde logo notar: ha

erro na maneira porque costumamos encarar o criminoso. É mister para fallar com justiça estudar as condições psychologicas d'aquelle que é levado à carreira do crime.

O criminoso é uma victima da fatalidade. Primeiramente as suas acções, como tudo o mais na natureza, são determinadas por causas desconhecidas. Depois nós não temos meios seguros para apreciar-as em todos os elementos.

Ha acções apparentemente horrosas, que, entretanto, si podessemos conhecer a totalidade dos motivos que influiram no espirito do agente, veriamos que não revelam maus sentimentos.

O espirito humano é um abysmo, e ninguém pode penetrar em suas profundezas mais intimas.

O assassino de Kotzebue, Karl Sand, depois de haver concebido a idéa do crime, dizia em tom de religiosa convicção: "Senhor, tu sabes que eu devotei minha vida a esta grande acção: só me resta depois que a resolvi, pedir-te a verdadeira firmeza e coragem d'alma." Este homem estava, pois, convencido de que ia praticar um acto justo, mais do que um acto justo, um acto de rigoroso dever. Depois, quando teve de subir ao cadafalso, perguntando-lhe um sacerdote, si ainda se conservava com odio, respondeu: "Meu Deus, foi o que eu nunca tive."

É, pois, um erro, julgar com precipitação os actos alheios: neste ponto ha uma profunda verdade nessa dicção popular que aconselha: não sê das primeiras informações. Depois devemos ser extremamente rigorosos para com as acções, condemnal-as, estigmatizal-as, quando são más; mas, quanto ao agente, devemos ser benevoientes. O orgullho é então injustificavel; ninguém pode dizer: deste prato não comerei, desta agua não heberei.

Todos estão sujeitos ao crime, assim como ninguém está livre de se tornar um leproso.

Podemos mesmo de certo modo estabelecer que ninguém tem culpa de ser mau. As boas ou más qualidades são um producto da organisação combinado com as circumstancias exteriores e comp taes são uma consequencia de causas fataes que servem de principio determinante para as operações da propria vontade.

O criminoso quer o mal em virtude de qualidades, que recebeu já por via hereditária, já pela educação, já por influencia do meio. Deste modo repetimos, é uma victima da fatalidade e o crime vem a ser em relação ao organismo moral a mesma coisa que é a enfermidade em relação ao organismo physico.

É preciso, porém, distinguir duas especies de crime: aquelle em que o germen do mal veio principalmente da parte do agente e aquelle em que o agente obrou influenciado por circumstancias que perverteram sua organização. Ha, pois, homens originariamente maus e homens que se tornaram maus em força das circumstancias.

Quando o homem procede mal por que é a isso levado por sua organização, isto é, quando a malicia é originaria no homem, é difficil, se não impossivel a reabilitação: neste ponto está de accordo com a experiencia e a observação ordinaria dos factos, a theoria sustentada por Shopenhauer que estabelece a immutabilidade absoluta do character.

A educação pode exercer alguma influencia, mas esta influencia limita-se unicamente a fazer com que o homem possa conter-se. A maldade fica abafada debaixo de uma mascara creada pela educação; mas um dia o instincto deita por terra esta mascara e a maldade se revela em toda sua nudez. É a razão porque homens, que receberam a mais fina educação, muitas vezes em certas occasiões demonstram os sentimentos mais vis. A fera está dentro da jaula, mas através das grades faz ouvir o rangido dos dentes.

Do mesmo modo, homens, que viveram sempre no meio mais depravado, revelam ás vezes sentimentos dignos dos characteres mais puros. A historia do homem de bem, que tornou-se bandido, é uma historia verdadeira. Não é a figura que demonstra a capacidade, do mesmo modo que não é a posição que faz conhecer o character. Ha figuras brilhantes com alma de bandido, assim como ha bandidos com alma de heroe.

A educação e o meio não podem, portanto, aniquilar o character. O homem que uma vez revelou-se inteiramente mau, que com inteira consciencia de si, praticou uma acção miseravel, nunca deixará de ser mau. A sua tendencia natural é o crime.

Não se pode dizer a uma arvore de fructos amargosos que produza fructos doces e si é possivel uma modificação, esta só poderá ser realisada na especie, nunca porém no individuo. É o mesmo na humanidade: uma raça má poderá reabilitar-se através da successão das idades, mas o individuo que trouxe do berço o germen do mal leva-o á para o tumulo.

É isto o que a experiencia de-

monstra, e assim fica perfeitamente esclarecida a nossa dupla maneira de comprehender as condições do criminoso. Accrescentamos porém o seguinte: quer seja o criminoso originariamente mau, quer seja levado ao crime por influencia do meio, obra sempre em virtude de causas fataes. Deste modo, repetimos, não tem culpa, não é digno do nosso desprezo; ao contrario, merece a nossa compaixão; não é um monstro como ordinariamente costumamos dizer de tudo o que nos revolta; ao contrario é um desgraçado.

Sabemos quanto esta doutrina parecerá extravagante aos olhos de muita gente. Vamos contrariar a idéas geralmente acceitas e sancionadas pelo uso tradicional das intelligencias e por certo não estamos livres de ser accusado de paradoxo.

Em verdade não é pequena a difficuldade com que se lucta quando se tem de fazer a exposição de principios que ainda não se tornaram communs.

Os velhos dogmas acceitos e praticados durante uma longa serie de annos deverão ter creado uma barreira bem difficil de atravessar-se e não é sem grande difficuldade que se consegue chegar á comprehensão dos principios novos. É d'ahi que vem esta importante observação de Herbert Spencer: nenhuma transformação has idéas sem lucta.

Em relação ás idéas que sustentamos objectar-se-á desde logo, e isto com a autoridade de quem supõe que vai dar um golpe mortal: dizeis-nos que o criminoso obra fatalmente, que as suas resoluções são determinadas, que elle nas circumstancias em que se achou collocado não poderia deixar de ser criminoso; neste caso a sua é um absurdo.

Em verdade, si os actos do criminoso são determinados por causas desconhecidas, si elle nas condições em que se achava não podia deixar de ser criminoso, como se poderá applicar-lhe uma pena? Como se pode exigir que proceda bem si a sua tendencia natural é o crime? Como se deve comprehender a culpa, em que consiste a virtude? O homem procede bem, ou procede mal, necessariamente: pratica o mal assim como a chuva cae, assim como a flor desabrocha, assim como a arvore cresce.

Como se pode, portanto, accusar os maus, como se pode premiar os bons?

Não entra em nossas vistas estudar aqui o fundamento do direito penal. Isto nos levaria muito longe e nos afastaria do assumpto especial de que nos occupamos. Basta que possamos estabelecer o seguinte. O direito penal é um dos ramos da medicina, o crime é uma enfermidade e a punição um medicamen-

to. Tal é a doutrina proclamada pela sciencia criminal hodierna.

O velho systema que dava por fundamento ao direito penal a vingança extinguiu-se de todo: hoje não deve haver odio na punição dos delictos, porém caridade.

Isto só, é sufficiente para justificar as nossas idéas; voltemos portanto ao objecto de nossa discussão.

Das duas especies de criminosos que temos apresentado, ha uma dellas em que o suicidio é impossivel: é nos criminosos originariamente maus, salvo o caso especial da loucura.

Verdade é, que os homens verdadeiramente criminosos, estão muito perto dos loucos: sendo assim pode dar-se o suicidio; mas no caso contrario, isto é, si o criminoso não sofre alguma alteração mental, nunca terá de suicidar-se. E a causa d'isto é que a qualidade predominante do homem inteiramente mau é o egoismo e o suicidio é uma especie de esquecimento absoluto do eu.

Em todo o caso, ou o suicidio se dá da parte de characteres perfectos, ou da parte de characteres pervertidos, é sempre um acto praticado por homens originariamente bons.

O homem inteiramente mau tem também a sua convicção, é a convicção do crime; por isso não pode voltar para o bem. O homem de bem, porém, que por condições excepcionaes se deixou levar para o crime, fica por assim dizer collocado no vacuo: o suicidio, si por ventura recorre a elle, será uma consequencia de seu desequilibrio moral.

Independente d'isto pode o homem também ser levado ao suicidio quando o seu espirito foi transtornado por uma comprehensão exagerada da concepção pessimista do mundo. Tal é mesmo o caso mais frequente. Fora d'isto o suicidio será sempre e em todos os casos o resultado da loucura.

Discussão geral.—Agora podemos perguntar: qual o facto que deve ser considerado como a causa principal do suicidio e que, portanto, deve ser, á toda força, combatido como um grande mal? Com toda a segurança affirmamos: é a falta de convicções.

É a occasião de estudarmos em relação ao nosso problema o papel das convicções.

Já uma vez, tratando de uma outra materia, tivemos occasião de estabelecer o seguinte: «De dous modos pode o homem proceder na sociedade: de conformidade com as suas convicções ou de conformidade com as suas conveniencias. Não se comprehende que possa proceder de outro modo a menos que não se ache em seu estado anormal. O grau da moralidade está na razão inversa do sacrificio das convicções ás conveniencias.

Aquelle que nunca sacrifica as suas convicções a conveniências é um homem perfeito.

As vezes acontece que as convicções coincidem com as conveniências; neste caso o homem é feliz, mas não tem grande merito; falta aquillo que constitue o verdadeiro merccimento: a lucta, o esforço individual.

Nisto fica logo estabelecida a influencia que reconhecemos nas convicções sobre a moralidade. Alem das convicções todos os outros moveis internos de nossas acções reduzem-se a modalidades da conveniencia; e assim a convicção e a conveniencia são as duas forças agentes do espirito: não poderá contestar o todo aquelle que se demorar um pouco na observação das causas determinantes das deliberações da vontade.

Da conveniencia nasce o interesse e da convicção a consciencia do dever; e taes são as duas molas reaes do mechanismo da sociedade.

E estamos perfeitamente convencidos desta verdade revelada pela experiencia: nada ha neste mundo mais perigoso que um homem sem convicções. Com effeito assim é. O homem por muito pouco que valha, por mais insignificante que nos pareça, é sempre uma possibilidade de bens ou uma possibilidade de males. Quando tem um ideal a seguir, caminha por uma estrada segura. Figurando-se uma certa e determinada situação poder-se-á d'avance estabelecer qual será o seu modo de proceder: ha uma luz que vem do passado e que pode esclarecer-lhe o futuro. Quando, por em, o homem não tem convicções, o seu futuro fica inteiramente nas trevas: o seu espirito fluctua no vacuo e o unico principio interno que entra no jogo da determinação de seus actos é a paixão. Nada de sua parte poderá inspirar confiança. Se é uma organização vigorosa e ardente, está sujeito a explosões capazes de anniquilal-o e quando se achar em algum terreno inclinado terá inevitavelmente de afundar-se no abysmo.

R. DE FARIAS BRITTO.

(Continúa)

AO PÔR DO SOL

Balem no aprisco as timidas ovelhas;
Mugem no pateo as grandes vaccas
(mansas;
Brincam no alpendre as garrulas
(crianças;
Zumbem no espaço aligeras abelhas;
No juncal da lagoa andam vermelhas

As jacanans; do coqueiral nas fran-
ças
Canta a grauna, verdes como esp'-
(ranças;
Palram priquitos nas calças ve-
llias.

O sol descamba por detraz dos mon-
(tes,
A lua surge alem nos horisontes
E o vento ruge no seu fero agoite;

No terreiro da casa, um comboeiro,
Saudando o velho lar hospitaleiro,
Pede licença p'ra passar a noite.

MARTINHO RODRIGUES.

A FIDELIDADE DE COLETTE.

(Traducção para A QUINZENA.)

Colette exprimiu-se deste modo quasi dogmatico:

—Eu não formo lá muito boa opinião dos homens.

—Ah! como és severa! disse Lila.

—Não me comprehendes-te, queridinha.

Longe de mim a idéa de negar que certos homens são dotados de qualidades que os tornam verdadeiramente recommendados. Alguns são bonitos, outros tem um *chic* especial no bigode gentilmente retorcido, outros são ternos, tres ou quatro são ornados de encantos capazes de nos perturbarem o somno, e finalmente não hesito em reconhecer que d'entreaquelles que nos amam houve alguns dignos dos sacrificios que lhes permitimos fazerem por nós.

Mas não importa, tal qual sou com a experiencia de meus vinte e tres annos não formo boa opinião dos homens e isto porque...

—Porque?

—Porque elles não são fieis.

—Lá isso, é verdade. Fieis elles não são.

Nós não poderíamos negar ainda q'tivessemos sobre os

olhos a venda de illusão preconizada pelos poetas, que os nossos amantes são susceptiveis de se perturbarem apenas saindo dos nossos braços pelo dourado de uma cabelleira que não é a nossa ou pela promessa de um olhar languido ou ainda, pelo torneado de uma perna de amassona apenas entrevista.

Mas é preciso, querida, sermos indulgentes. Não sendo nós irreprehensiveis convem pouparmos reprehensões áquelles que, quebrando seus juramentos, seguem apenas nosso exemplo. Sendo traidoras não temos direito a queixar-nos de traições, pois a infidelidade de nossos amantes tem por desculpa a nossa.

Porque, para falar com franquesa, tu não ousarás contestar que a maior parte das mulheres destinadas ao amor (é possível que entre essas haja algumas honestas) levam a condescendencia ao ponto de não repellir em qualquer circumstancia as delicias sensações de um beijo desconhecido. Ter um capricho esatisfasel-o é uma aventura que não deixa de ter precedentes. Sabes quanto somos fracas. Quando tudo conspira em nos faser cahir em lamentaveis erros, reconhecendo que todas as existencias seriam inuteis não tentamos nenhuma.

Muitas vezes uma visita matinal, após a saída do amante nocturno, obrigou nossa *chaise longue* a tornar-se rival feliz do leito ainda desalinhado pelos praseres da noute.

Quanto a mim confesso que não sou dessas que merecem ser designadas á estima publica por seu amor ao dever, e tu mesma em muitos casos

te mostras inclinada a ternos esquecimentos ..

—É' nisto que te enganas, interrompeu Colette, eu sou fiel.

—Tu ?

—Eu.

—Fiel ? !

—A toda prova.

—A quem, a Valentim, a Mr. de Marciac, ao Visconde d'Argéles, a... ?

Vendo a admiração de Lila, ella replicou :

—Minha querida, tua surpresa não será de longa duração, e quando te houver fornecido algumas breves explicações serás forçada a confessar que de todas as mulheres que promettem reservar-se para o seu amante não ha nenhuma que se compare comigo.

Sou fiel, porque devo sê-lo.

Nada é mais desprezível do que recommençar com outro amante caricias apenas acabadas ; uma amante não se torna digna deste nome si é capaz de guardar para um só o thesouro que elle mais aprecia. Mas é preciso entender-se, ha condescendencias que tem a severidade do dever.

Ella reflectiu e continuou :

—Sabes que entre os encantos que possuímos, entre as voluptuosidades de que somos dispensadoras ha sempre alguma que encanta mais particularmente a cada um de nossos amantes. Um se enthusiasma com uma especialidade de paixão, pelo rosado de nossa orelha, outro pelo louro espesso de nossos cabellos, este se extasia deante da redondesa de nossos hombros, do torneado de nossos braços, da delicadesa de nosso punho a que o anel de uma provinciana pode servir de bracelete, aquelle

se apaixonou pela unha raspada de nosso pollegar, aquelle outro fica balbuciando si entrevê sob a transparencia da baptista um mysterio não impenetravel, onde se occulta na ancia de desabrochar a eglantina vermelha que é nossa pequena alma rosea. É assim o ardor de nossos amigos escolhe para o complemento da suprema voluptuosidade entre as nossas caricias as que mais lhes agradam.

Este morre si o beijamos com o labio distraido sob o ligeiro retorcido do bigode, aquelle pensa que se torna Deus si nosso sopro encarnado lhe insuffla nos pulmões toda vida reunida, a mollesca dos abraços —hypocrisia que no mesmo instante se torna a propria sinceridade completa os praseres de um languido companheiro de alcova, emquanto outro mais violento exige os transportes quasi rudes de um amplexo suffocante.

Tu me pouparás uma enumeração mais longa. Já disse bastante para te recordar a diversidade das admirações e alegrias e tu advinharás agora como eu realiso na mais esparsa inconstancia a precisa fidelidade.

Não, disse Lila, eu não advinho.

—É's então muito ingenua, e bem vejo que será preciso pôr os pontos nos iii. Sabe pois que sem prejudicar a verosimilhança das emoções a que nos obrigam a cortezia ou a misericordia tomo nota com o maior cuidado, a cada abandono novo do encanto, da caricia que não se tem a queixar da minha crueldade, e d'alli em diante reservo-lhe ciosamente este encanto, esta caricia.

Dou somente a elle o que

escolheu para si ; sou pois d'elle só, reservando-lhe o que elle prefere de mim.

Ah ! é em vão que Valentim, por muito apaixonada que seja a ternura que me inspire sollicitaria o favor de beijar o dedo minimo de minha mão esquerda, porque esse dedo é o ponto especial em que se deleita o labio de Marc'ac. Eu recuso ao visconde de Argeles que o embriaga Mr de Caldelis ou Gastão, ou o Marquez de Cleguerec : sou portanto a guarda infallivel do thesouro de cada um d'aquelles que me julgaram preciosa, e ficaria pungida de remorso si não recusasse a meu amante de hoje o favor que encantou adoravelmente meu amante de hontem.

Sou, portanto, muito altiva, e posso proclamar que nenhuma mulher guarda como eu a fidelidade jurada, e julgo-me neste ponto a pessoa mais virtuosa do mundo.

Lila tomou a palavra :

É's admiravel. É' certo que tua maneira de encarar a fidelidade, que esta divisão de ti mesma em partes eguaes pode offerecer calma ás consciencias mais facilmente inquietas.

Ter vinte amantes e não enganar a um só ! Pertencia a ti realisar esta impossibilidade apparente, e julgo que não deixarei de usar do meio que tão gentilmente inventaste.

Comtudo far te-hei uma objecção.

Qual ? pergunto Colette.

—Eil-a. Entre o grande numero d'aquelles para quem não somos crueis podemos encontrar dois que admirem em nós o mesmo encanto particular, exigindo a mesma caricia e talvez tres, quatro,

cinco.

—Então ?

—Então o meio de comprar a um ser infiel ao outro, ou aos outros ? Devemos ficar em uma perplexidade penosissima e propria a perturbar a satisfação que temos o direito de esperar em troca de nossas condescencias.

—Ah ! como és simples, Lila !

Escuta bem. Quando dous homens, tres, quatro ou mesmo dez escolhem a mesma belleza ou a mesma delicia é uma prova manifesta de que, por muito diferentes que elles pareçam, são absolutamente eguaes e fazem o mesmo e feito.

—De sorte que ?

—De sorte que concedendo a todos o que cada um deseja não prejudicamos a nenhum, e posso afirmar-te que ficaremos imperturbavelmente fieis a um só amor.

—E' exacto, disse Lila.

E olhando-se de frente ellas desataram a rir, mas de um riso encantador, 'extravagante, futil que sacode cabellos ruivos, d'onde se evolvam perfumes, de um riso que absolve de seus frivolos crimes e de suas loucuras aquellas que as commentem e tambem o que as conta.

CATULLE MENDÉS

Historia Natural

A VIDA DOS VEGETAES

Voltamos ao campo depois de um mez do passeio na cidade da Fortaleza.

Longos foram os nossos dias de tedio na formosa capital ! As bellezas naturaes e artificiaes, que a princeza do nor-

te offerecia a nossa admiração não conseguiram illudir as nossas saudades !

Os muros das casas torturavam-nos todas as vezes que a vista procurava largos horizontes. E sempre as pesadas massas de alvenaria a esconder o espaço, habitação dos astros, dos mundos desconhecidos ! Apenas nesgas escassas de firmamento, porem pequenas para satisfazer os orgãos da visão.

Queriamos horisontes infinitos, desejavamos que a vista caminhasse, caminhasse até confundir-se o céu com a orla verde da floresta.

Uma tarde sahimos a passeio e subimos o morro do *Coroatá*, o morro do *Coroatá*, que havia mais de vinte annos que eu não via, o theatro dos meus folguedos infantis, o passeio predilecto dos tempos de collegio. Instinctivamente galgamos a eminencia.

A fadiga da ascensão foi em breve compensada pelo esplendor do panorama que descortinamos ! A pesada alvenaria havia desaparecido e os horizontes abriam-se de todos os lados. Que quadro esplendido !

Os mesmos horizontes de outr'ora !

Ao longe, muito ao longe a branca vela de uma jangada, unindo como um elo de prata o mar e o céu ! a mesma vela eu vi quando passei a primeira vez aqui como calouro. Percebidas as imagens e transmittidas ao cerebro pelas retinas minha alma transportou-se ao passado e por um d'estes caprichos do systema nervoso eu via aquelles logares povoados como outr'ora das visões da infancia !

Nós, os collegiaes, uniformizados de jaqueta, calças pardas e bonet marchando dois a dois para o recreio do

morro. Era o Prota o meu companheiro de fileira, gorducho, jovial, com seu par de bochechas bem vermelhas e bem desenvolvidas a custa da alimentação e ar sadio do sertão,

Depois os saltos mortaes, as nossas corridas subindo e descendo as dunas, os exercicios musculares e nos quoes primava o Liorne por sua força e agilidade.

Vivi alli alguns minutos uma vida infantil, a vida de meus doze annos. Acordei d'aquelle doce sonho e voltei a contemplação do panorama esplendido que me cercava.

O mar a espreguiçar-se na praia e a floresta á beijar o céu !

E no centro da grande aria abraçada pelos dois gigantes os edificios brancos da cidade reflectiam em suas vidraças os ultimos raios do sol que alem desaparecia nas ondas.

Eu e minha companheira contemplavamos em brevecidos aquelle panorama achando felizes aquelles momentos quando fatigada a vista por tanta luz e os sentidos por tanta magestade procuramos repouzar um pouco e fitamos a vegetação que cobria o solo. Contraste horrivel ! Um tapete de *gramineas* rachiticas e enfezadas alcatifava aquella terra ingrata, pobre, a custa da qual mal se podiam alimentar e viver uma vida de miseravel herva ! Muitos arburtos maninhos, rachiticos e dessiminados pela alcatifa dobravam-se ao sopro da viração como symbolo da degeneração de sua especie. Algumas plantas descendentes de individuos, que em terrenos uberrimos são arvores de grande porte atrophiados vegetavam alli confundindo a sua folhagem coma dos pequenos sub arbustos !

A vegetação sadia de nossos campos pintou-se aos nossos olhos e um olhar de lastima foi a despedida áquelles pobres vegetaes.

O dia de nossa chegada a vivenda foi de completo prazer.

A natureza vigorosa do campo communicava-se a nós. Os pulmões dilatavam-se em inspirações plenas, enchiam-se todas as vezículas, mas de um ar sadio, de um ar rico de oxigenio!

La o acido carbonico fornecido pela respiração de milhares de creaturas, pelas combustões em muitos mil fogões associado ás emanções delictorias das sentinas viciam a athmosphera e tornam-a senão impropria ao menos insufficiente as necessidades da vida. E as propriedades vivificadoras do ar senão perdidas ao menos depauperadas, occasionando a imperfeição da hematose accusam os seus habitantes.

A' tarde mal o sol tinha diminuido o calor de seus raios sahimos á passear.

As graunas, os gallos de campina pousados nos leques das carnahubeiras em agudos trinados pareciam saudar a nossa volta. Quanta melodia no seu canto! A margem das veredas os *manacás* em primavera enfeitavam o campo com suas corollas multicores. A belleza de colorido de suas petalas deleitavam a vista como a fragancia suave de seus perfumes impresionava agradavelmente o olphato. As camelias, as rozas, as sempre-vivas dos jardins não valem um *manacá* silvestre. E entre as arvores da floresta as humildes cazinhas dos camponezes cobertas de palhas de palmeira, guardadas apenas por uma fragil porta de talos de carnahubei-

ra! A garantia da propriedade entre essa gente rude é a amizade que os fraterniza. Passavamos por aquellas pobres habitações e os bondozos camponezes sahiam á nos saudar. As suas physionomias sadias e expansivas provavam a saude vigorosa que desfructavam. As camponezas com as faces rozadas e frescas faziam um perfeito contraste com as moças das cidades; áquellas os tons rozeos da saude lhes coram a tez, a estas a pallidez da chlorose, da dyspepsia, torna-lhes a cor do rosto mortica e terrea.

As creanças fortes e gordas corriam nuas pela varzea com pé seguro e incrível agilidade.

Minha companheira admirando-as disse-me:

— Como se desenvolvem bem aquelles organismos!

— Graças ao ar puro do campo, minha amiga. Não vistes as creanças da cidade como são differentes? Têm uma alimentação mais succulenta, mais abundante, mais forte, melhor tecto, porem a athmosphera que respiram não é tão pura, não repara tão bem as perdas que o organismo soffre a todos os instantes.

As plantas mesmo se resentem do ar viciado.

— E as plantas soffrem quando o ar não é puro?

— As plantas são seres organizados cujas funcções da vida vegetativa são muito semelhantes as nossas. Ellas precizam de ar, de alimento, de luz, de calor como nós precizamos.

— E quaes são as funcções da vida vegetativa.

— Os seres vivos vegetaes e animaes têm funcções communs chamadas da vida *organica ou vegetativa*. No animal a digestão, a respiração, a circulação do sangue etc., são funcções da vida vegeta-

tiva, isso é, funcções que têm por fim manter as forças e entreter a vida do organismo. No vegetal a absorpção, a respiração, a circulação da seiva etc, são tambem funcções da vida vegetativa. funcções, que reparam as perdas e entretêm a vida da materia organizada.

— E em que differe a planta do animal?

— Se bem que os animaes e vegetaes tenham funcções semelhantes, a estrutura e o modo porque os seus órgãos funcionam não é a mesma. Alem d'isso o animal tem órgãos da *vida de relação*, os quaes faltam completamente nas plantas.

— E quaes são os órgãos da vida de relação?

— Os órgãos dos sentidos, os quaes nos põe em communicação com o mundo exterior. A planta nasce, cresce, se repro duz e morre, mas não sente, não tem vontade, não se move, pois falta-lhe o *systema*, nervoso os *órgãos da vida de relação*. Ella não pode apreciar o que a cerca porque falta-lhe a vista que em nós faz que tenhamos uma idéa do que nos rodeia; o ouvido que nos torna sensiveis ao som; o olphato que nos faz apreciar o cheiro; o tacto que dá a nossa pelle a propriedade de conhecer certas qualidades physicas da materia como a duresa, a forma, a temperatura; o gosto que faz a mucosa da lingua apreciar os sabores dos alimentos.

— E é o *systema nervozo* que regula as funcções de todos estes órgãos?

— Certamente. O cerebro é o centro nervozo; para que uma sensação possa ser apreciada por nós é preciso que primeiro ella seja transmittida ao cerebro. Se ti ferires no pe por exemplo, sentirás a dor mas ~~depois~~ que a impressão

so transmittir ao cerebro.

—Mas o espaço de tempo entre a sensação de dor e o acto do ferimento é inapreciavel.

—Tambem o espaço percorrido pela luz, pela electricidade são inapreciaveis, inapreciaveis, isso é, conforme o espaço a percorrer. Recordo-me de ter lido em uma obra de physiologia, que uma sensação propaga-se ao cerebro como menos velocidade que a luz no espaço; assim um homem cuja estatura fosse de alguns kilometros, sendo ferido no pé, precisaria segundos para accusar o ferimento.

—São hypotheses...

—E a sciencia, já te tenho dito, precisa de hypotheses para explicar certos phenomenos que o estudo, a experiencia, a observação não podem determinar a causa. Vamos a vida das plantas de que nos afastamos, já que pouco gostas de divagar pelo abstracto. O systema nervoso nos dará assumpto para uma palestra longa.

—Então as plantas se alimentam, digerem, respiram?

—Exactamente como nós. Aquella carnalubeira que vês está vivendo agora mesmo do ar atmosphérico e dos alimentos tirados da terra, do mesmo ar e das refeições que tomamos hoje tiradas tambem da terra.

—E quaes os alimentos que a planta tira da terra?

—Agua contendo saes em dissolução. A planta não pode se alimentar de substancias solidas, pois a sua haste, raizes e folhas formam uma só peça involvida pela epiderme, membrana que não apresenta solução de continuidade.

—As raizes não teudo aberturas como a agua penetra no interior da planta?

—Te explicarei as funcções

dos orgãos de nutrição dos vegetaes. A raiz como todo o orgão do vegetal é formada pela reunião de cellulas de forma mais ou menos variada. A cellula é uma pequena cavidade fechada por uma membrana tenue; a cavidade pode ser mais ou menos arredondada e tanto conserva o nome de *cellula*, se é oblonga e as extremidades em ponta toma o nome de *fibra*, se é oblonga ainda mas não se termina em ponta chama-se *vaso*. A *cellula*, *fibra* e *vaso* não são mais do que cellulas modificadas. As funcções da raiz são tirar da terra a agua tendo em dissolução substancias de que a planta necessita para viver. Esta funcção chama-se *absorpção* e dá-se em virtude de um phenomeno physico a *endosmose*.

—E o que é a endosmose, como se dá?

—Todas as vezes que separamos dois liquidos de densidades, differentes, ou dois gazes, por uma membrana tenue animal ou vegetal, dá-se a *endosmose*, isso é, os liquidos ou gazes passam atravez da membrana, e se misturam até que ambos fiquem com densidade igual.

—Assim os principios nutritivos não deveriam passar da raiz.

—Sobem até a extremidade da planta graças *endosmose* e a *capillaridade*? Dá-se o nome de *capillaridade* a certos phenomenos physicos que se observam quando os corpos solidos se poem em contacto com os liquidos o que se nota particularmente nos tubos de pequeno diametro. Ainda bem pouco tempo tu foste testemunha de um phenomeno de *capillaridade*, quando eu enchi de lympha vaccinica aquelles tubos de vidro, cujo diametro era pouco mais ou menos o de um

cabello. Tu viste eu collocar verticalmente a extremidade do tubo sobre a gotta de lymph e contra as leis da hydrostatica a lymph subir até encher o tubo.

—E não é contra as leis do equilibrio dos liquidos e como deu-se o phenomeno?

—A *capillaridade* é o resultado das attracções exercidas entre as moleculas ou dos corpos solidos ou dos corpos liquidos.

—Nos tubos as extremidades são abertas e nas cellulas em que não existe solução de continuidade como se dão os phenomenos capillares?

—Tomemos o liquido na ultima cellula da raiz e vejamos, como elle sobe. Dá-se a *endosmose* entre o liquido contido na celula e agua do solo, a proporção que a agua entra para a celula começam os phenomenos capillares; a endosmose faz o liquido passar atravez das membranas das cellulas, a capillaridade faz com que elle suba e chegue a extremidade superior do vaso. Assim de cellula em cellula o liquido absorvido pelas raizes sobe até a extremidade do vegetal, dissolvendo as substancias plasticas contidas nos vasos que vai atravessando, e quando chega as folhas, aos orgãos da respiração da planta, a seiva bruta é elaborada.

—E o movimento da seiva não cessa, não chega um momento em que o liquido de todas as cellulas tenha igual densidade?

—Não, a elaboração da seiva isso é, a acção do ar atmosphérico sobre os liquidos absorvidos pelas raizes contendo materias diversos chamados *seiva bruta*, modifica as suas qualidades, dá-lhe propriedades nutritivas, fixa elementos de que necessita, e desprende

outros se não prejudicias ao menos iuteis a vida vegetativa. A seiva bruta assim elaborada, vivificada pelo ar atmosphérico, como é o sangue venoso nos animaes, vai ser assimilada, isso é, se unir a materia organizada. Reparando as perdas de todo o organismo vegetal, creando novos tecidos a seiva circula subindo e descendo regeitando ao mesmo tempo as materias de que não necessita para os trabalhos da vida organica.

—E a seiva tambem desce?

—O que se observa nos animaes se observa nos vegetaes. Nos animaes superiores a circulação é dupla, nos inferiores é simples; nos vegetaes superiores a circulação da seiva é dupla, *ascendente e descendente*, nos inferiores é simples, é apenas *ascendente*.

—E como provar que a seiva tem movimento descendente?

—Nada mais facil. Aproximemos-nos d'aquelle cajueiro. A seiva sobe pela parte interna do lenho e desce pelo cortical ou casca. Vou ferir a arvore. Vê que do bordo superior da ferida gotteja a seiva ao passo que do bordo inferior nem uma gotta! Se a seiva só tivesse movimento ascendente tu verias salir o liquido do bordo inferior da ferida e nunca do bordo superior.

—E quaes as substancias excretadas pelas plantas?

—As rezinas, as gomas, as ceras etc. O cajueiro dá uma excellente gomma que serve de colla; a nossa carnaubeira excreta de suas folhas um producto cerifero, sob a forma de um pô branco, que depois de fundido ao fogo se transforma na cera amarella do carnaubeira tão conhecida de todos nós.

A noite começava a cahir quando voltamos á casa.

Alto da Bonança.
Setembro de 1887.

RODOLPHO THEOPHILO.

ANNUNCIOS

Motta Vieira & C.^a

88--M. Jor. Facundo--88
FORTALEZA

Importadores e exportadores

CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira
Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho.
Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para o

CAFE' JAVA

Manoel Pereira dos Santos.

GUILHERME ROCHA & C.^{ia}

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

SILVA CARNEIRO & C.
Importadores
CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

MERCEARIA

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa-72

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira n.º 54

Obras feitas, batinas, capas, roravas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos
Compram sempre ouro velho e modas.

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartei-ras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36
CEARA'

0—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso cmero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Pariz o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.